

Batista Jr. pede desvalorização cambial

Economista afirma que governo precisa agir para evitar armadilha da estagnação econômica

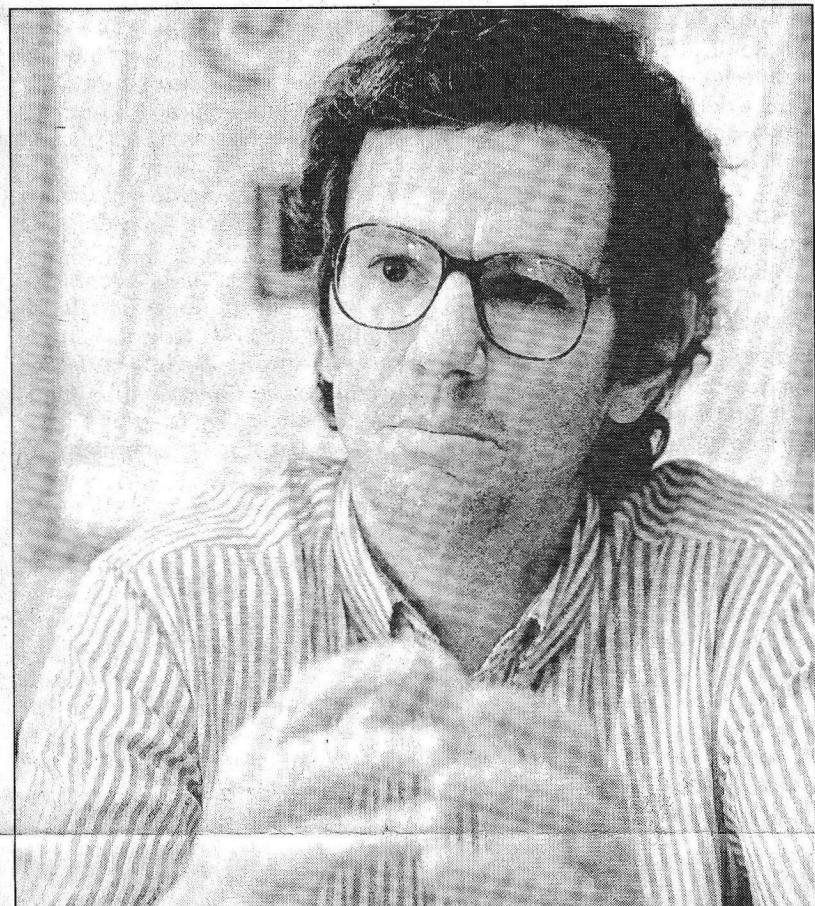
O economista Paulo Nogueira Batista Jr. defende um aperto na política fiscal seguido de uma desvalorização do câmbio para tirar o País da armadilha de baixo crescimento. Ele pondera que o início deste ano mostrou uma combinação muito perigosa para as contas externas do Brasil: a atividade econômica está praticamente estagnada desde o terceiro trimestre do ano passado (considerando os dados do PIB trimestral divulgados pelo IBGE), mas o déficit na balança comercial cresceu e ficou muito acima do esperado (nos primeiros quatro meses deste ano as importações foram US\$ 3,1 bilhões superiores às exportações, enquanto no mesmo período do ano passado o déficit foi de US\$ 500 milhões).

A desvalorização do câmbio é necessária, diz Batista Jr., mas não pode ser uma medida isolada e não precisa ser feita de uma só vez, como as maxidesvalorizações que marcaram a década de 80. Na sua avaliação, o câmbio deveria ser cerca de 15% mais baixo.

Antes de liberar o câmbio, no entanto, o governo deve "enrijecer sua política fiscal", diz o economista. Isto significa aumentar a arrecadação e controlar gastos. Batista Jr. pondera que existe a percepção, fora do País, de que o câmbio está fora do lugar. Por isso, a correção cambial aliada a outras medidas, como a fiscal, traria segurança aos agentes e não insegurança.

Batista Jr. não teme os efeitos da desvalorização cambial na inflação. A economia brasileira, diz ele, já está bastante desindexada e apenas uma parcela dos preços seria afetada pela alteração no valor do dólar. A grande restrição da correção cambial, explica, é o impacto financeiro interno. A combinação de câmbio valorizado com juros internos altos fez as grandes empresas buscarem financiamento no exterior. Um exemplo é o aumento da emissão de títulos privados fora do País.

Luludi/AE



Batista Jr.: proposta de ajuste fiscal e desvalorização cambial